

Flechada no daltonismo cultural: as práticas corporais indígenas no interior do currículo

Este projeto foi realizado na EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga, localizada na região do Capão Redondo. Unidade marcada pela falta de espaços externos e a mercê do descaso público, mas nada que impeça a realização de trabalho que contribua para construção do conhecimento e da aprendizagem dos estudantes. Assim, envolveu estudantes do 5º ano do fundamental I, perdurando por oito meses.

Os primeiros contatos com a turma serviram para avaliar as práticas acessadas nos anos anteriores dentro do currículo posto em prática na unidade escolar e aquelas vivenciadas em casa por meio do convívio social. De acordo com as falas dos estudantes, as aulas de Educação Física abordaram os esportes coletivos futebol e basquetebol e vivências de brincadeiras populares (pega-pega, queimada, corda etc.).

Sendo assim, ao analisar as falas colocadas, decidimos investigar práticas corporais de grupos desprivilegiados socialmente, que até o presente momento não tinham sido tratadas no espaço escolar ou não havia acesso em outros ambientes, quando praticadas, não existia preocupação de aprofundar suas origens e grupos produtores.

Preocupado em descolonizar o currículo e promover uma investigação que afastasse de um tratamento exótico das manifestações, buscou-se aprofundar e ampliar os conhecimentos alusivos às práticas corporais da cultura indígena, sempre buscando ressignificá-la de acordo com todo o aparato que cerca as atividades educacionais.

A apresentação e definição do tema escolhido provocaram enormes desconfortos em alguns estudantes, principalmente aos fanáticos por futebol, pois de acordo com seus pontos de vista a Educação Física era palco perfeito para jogar bola (futebol), pular corda, brincar de queimada, pega-pega. Assim, logo de início, a nova proposta já encarava resistências de boa parte dos discentes, pois traria novas experiências e enfrentamentos, ao abordar manifestações ainda não acessadas, provocando rompimento da disseminação de significados e discursos de uma única cultura.

Esta quebra de privilégio de acesso às práticas euro-americanas dentro das aulas de Educação Física iniciou na tentativa de identificar as informações que os estudantes possuíam sobre a cultura indígena, orientado sob a pergunta: O que vocês sabem sobre os índios? Quais práticas corporais (brincadeiras, lutas, danças ou esportes) os índios inventaram? Conforme apontavam seus saberes os transcreviam na lousa.

As informações coletadas com essas indagações puderam-me identificar uma visão bem essencialista a respeito da cultura indígena, pois dentro da discussão, os estudantes apontaram conhecimentos acessados através dos programas de televisão e em algumas tarefas oferecidas em outros momentos na escola, mas sem nenhum aprofundamento do assunto. Em relação à segunda pergunta, não conseguiram citar qualquer prática desenvolvida pelos índios.

O passo seguinte foi pesquisar obras que abordavam produções da cultura indígena, assim nos referenciamos em duas obras, uma produzida pelo SESC (Serviço Social do Comércio) referente à cultura do povo Kalapalo e outra disponibilizada no portal [youtube.com.br](https://www.youtube.com.br), “Documentário IX Jogos dos Povos Indígenas”.

Terminada a investigação, iniciamos a vivência das práticas corporais, começando pela corrida Hiene Kuptisu. Apoiado apenas com uma perna, o participante tem de percorrer a maior distância possível sem trocar o pé de apoio ou apoiar com as duas ao mesmo tempo para descansar. Analisando o espaço da unidade escolar, decidimos coletivamente realizá-la na quadra. A fim de saber quanto cada estudante percorreria na corrida, tivemos de medir o tamanho do local escolhido para prática. Deste modo, dois estudantes se prontificaram a registrar o número de voltas que cada um realizaria, assim, dividimos a turma em pequenos grupos para facilitar as anotações. Dado o sinal, os participantes tinham de atravessar o local e retornar ao ponto de partida, assim contabilizando uma volta, quando cometia algum ato posto inicialmente, que o abonaria na corrida, registrava-se o número de voltas para posterior cálculo da metragem, que seria obtida na aula de matemática.



O passo seguinte foi realizar a prática com peteca, nessa apresentei uma peteca produzida com palha por indígena, a partir daí optamos por elaborar nossa própria com recursos disponíveis em casa ou na sala de aula. Sendo assim, os questioneei sobre como poderíamos utilizar de recursos presentes no dia-a-dia, tomando como referência a produção indígena. Passado algum tempo, sugeriram a elaboração com folhas de

caderno acompanhadas por pedaço de sacola plástica, de tal modo que formasse uma bolinha com o papel colocando-a dentro da sacola, essa, amarrada com alguma tira de plástico ou linha próxima à extremidade do papel para dar firmeza ao objeto, mas após alguns golpes, se deteriorou. Logo inovaram, substituindo o plástico por tira de pano, dando mais durabilidade à peteca.

Deste modo, cada estudante levou para casa a missão de trazê-la já confeccionada, podendo decorá-la, desenhá-la e ou pintá-la da maneira que quisessem. Este processo de ressignificação foi acentuado com outra elaboração de atividades: os estudantes, em grupo, tiveram de construir jogos que tivessem como material a própria peteca.

Dentro deste cenário construtivo e criativo, desenvolveram atividades a partir do que já conheciam, produzindo jogos como: vôlei peteca, queimada com peteca, esconde-esconde peteca, e queima peteca. A proposta posterior foi a de vivenciar esses jogos dentro das aulas, claro que tudo isso aconteceu em meio à resistência de muitos, que classificavam a atividade como “não prestável”, lixo e chata, questionados sobre quais atividades seriam as melhores ou mais legais, sem titubear responderam futebol e queimada, pois atividades sem bola não configuravam como pertencentes à Educação Física.

Assim, iniciamos as vivências pela atividade vôlei peteca, os participantes tinham de jogar a peteca para o outro lado por cima da corda, obtendo pontuação quando a equipe adversária a jogasse para fora do espaço delimitado, deixasse-a cair em seu lado ou a enviasse por baixo da corda. Dentro dessa prática meninas e meninos preferiram manter-se separados, eles assumiam o discurso de que as meninas não sabiam jogar, elas salientaram o desejo de participar ao lado de quem não brigava ou as ofendia, ou seja, somente entre elas. Percebendo isso, os indaguei na tentativa de desconstruir tais afirmações, coloquei para o grupo se o convívio social é estabelecido separadamente e dei exemplos de como a mulher é colocada de maneira inferior em relação ao homem sobre alguns aspectos, por exemplo, ter de prover somente os cuidados do lar, não sabe conduzir automóveis e nem jogar futebol.



Neste ensejo, o jogo “Queimada com peteca” tinha traços do próprio jogo de queimada conhecido pelos estudantes, já o “Esconde-esconde peteca” aproximava-se da brincadeira caça tesouro, um estudante escondia a peteca, após o sinal, os demais saíam em busca e ao encontrá-la recomeçava a brincadeira com a própria pessoa que achou a escondendo. Diferente das anteriores, a brincadeira “queima peteca”, assimilava-se à brincadeira pega-pega, com posse da peteca, o participante tinha de acertá-la em algum colega, quem fosse atingido passaria a ser o novo pegador.

A oportunidade de prática desses jogos causou sentimento de valorização por parte de alguns estudantes, pois viram suas produções sendo postas em prática ou vividas dentro da aula, até aquele momento as atividades eram lhes transferidas prontas e acabadas, por outro lado, suscitou a resistência e desprezo de outros

Após vivência dos jogos supracitados, iniciamos o tratamento à manifestação Jukinahati, uma prática que faz parte dos jogos indígenas, realizada somente por homens que muitas vezes travam grandes duelos entre diversas tribos. O jogo é desenvolvido com uso de uma bola, os participantes divididos em dois grupos, dispostos um em cada lado da quadra, tem de golpear a bola com a cabeça em direção ao outro lado, conseguindo pontuar quando o adversário tocá-la com outra parte do corpo ou deixando-a parar em seu campo.



A turma teve muita dificuldade para compreender a dinâmica do jogo, necessitando de algumas mudanças, assim, modificou-se o número de jogadores por equipe para facilitar o entendimento. Após algumas partidas, as meninas começaram a se sentir incomodadas em ter de abaixar para golpear a bola com a cabeça, então sugeriram mudanças na regra, propondo o uso dos pés para chutá-la, sem grandes discussões, houve concordância geral do grupo. Essa alteração deixou as meninas em vantagem, pois os meninos sentiram dificuldades em vencer os jogos, percebendo isso, prontamente reclamaram e sugeriram a formação de grupos com dois meninos e duas meninas para que não houvesse desequilíbrio entre as equipes.

Na tentativa de avançar na apresentação de outras práticas da cultura indígena, tivemos a oportunidade de visitar as instalações do CEU (Centro Educacional Unificado) Cantos do Amanhecer. Atividade ofertada pela própria instituição, intitulada de “Uma escola por dia”. A proposta é de informar a comunidade sobre o funcionamento e uso dos diferentes espaços que compõe o espaço. Dessa maneira, os estudantes experimentaram atividades nas diferentes instalações do local: anfiteatro, biblioteca, quadra e piscina. Em cada área desta foi produzida um conversa sobre as atividades desenvolvidas, horários e critérios para participação.

Neste ensejo, realizamos assistência do documentário “IX Jogos dos Povos Indígenas” no anfiteatro. O vídeo mostra as práticas que compõem uma das maiores competições indígenas, que procura manter viva as manifestações produzidas por seus antepassados. O torneio nacional que reúne diversas povos indígenas para disputa das seguintes práticas: kagot, luta corporal, arremesso de lança, peikrân, corridas, canoagem, natação, arco e flecha, corrida com tora e cabo de força, jukinahati e futebol. Terminada a visualização optamos por desenvolver a vivência dessas manifestações de acordo com a nossa realidade dentro das futuras aulas de Educação Física.

No primeiro dia pós-visita dialogamos sobre as atividades desenvolvidas, alguns apontaram ter entrado pela primeira vez num anfiteatro, outros relataram ficar

impressionado com a biblioteca disponível, pois não esperavam ter um equipamento público de tal porte na região que reside e prometeram retornar ao CEU para fazer carteirinha e usufruir das atividades ofertadas.

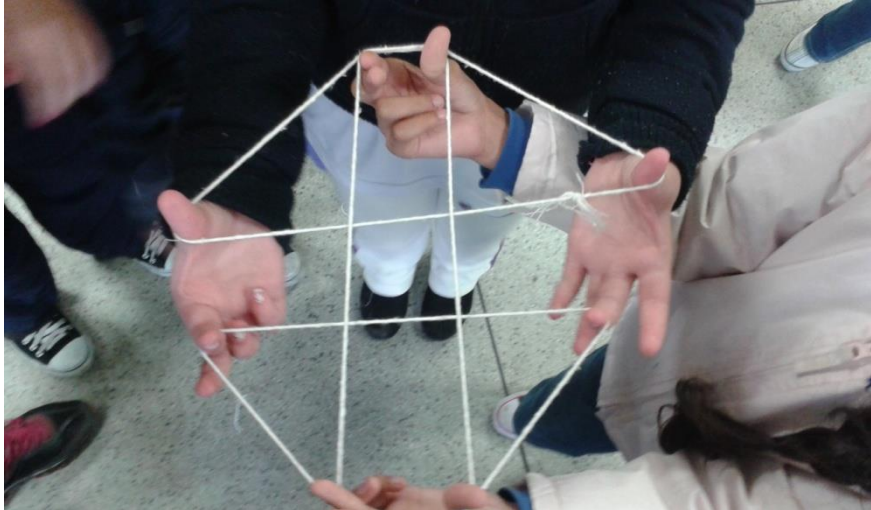
Retomando o vídeo assistido, optamos pela vivência do jogo kagot, praticado com uma flecha, similar ao jogo de queimada, porém um jogador de cada grupo apenas disputa no centro da quadra, tentando acertar o adversário sem ultrapassar a linha que divide o espaço, os demais aguardam do lado de fora, entrando no jogo conforme o companheiro for acertado.



Essa prática foi alvo de nova discussão, dialogamos sobre sua ressignificação na tentativa de vivenciá-la com materiais disponíveis no ambiente escolar, assim os estudantes sugeriram substituir o uso da flecha pela bola de borracha, já que não tínhamos acesso àquele objeto.

Conforme produziram alguns jogos, os discentes propuseram mudanças na regra, na tentativa de participar mais vezes, limitaram o tempo de disputa entre os jogadores, cada partida poderia durar no máximo um minuto, dentro deste tempo, os jogadores tinham de queimar o adversário, caso contrário saíam os dois, entrando um de cada lado para fazer novo jogo.

Passada essa experiência, demos início ao desenvolvimento da brincadeira cama de gato, utilizando um barbante, em dupla, um participante coloca-o em suas mãos, enquanto o outro analisa a configuração para tirá-lo, elaborando outra. Inicialmente muitos meninos resistiram em participar, pois consideravam a atividade atrelada às meninas, acusando-me de privilegiá-las dentro das aulas. Sendo assim, pediram para ficar com uma bola do outro lado da escola jogando futebol, enquanto as meninas vivenciavam a brincadeira.



Entretanto, vendo-se desolados e observando a desenvoltura das meninas e de alguns garotos ao realizar a atividade, procuraram melhor observar a dinâmica da atividade e logo foram desafiados. Sentindo-se enfrentados, questionou-os a fim de sanar dúvidas frente ao processo de criação das configurações. Logo arriscaram novas formas, algumas delas necessitando de até quatro pessoas, duas em cada lado do barbante.

Ao socializar tais aprendizados da escola com a família, uma das estudantes descobriu que sua mãe praticava essa brincadeira durante a infância, empolgada com tamanha identificação, mãe e filha logo sugeriram de gravar um vídeo demonstrando a forma como realizava as configurações. Feita a filmagem, apresentaram aos colegas de sala a produção. Olhando atentamente, os estudantes procuraram acompanhar e reproduzir os novos formatos.

Entretanto, a relação da mãe com os/as colegas da filha não se esgotou nas imagens, tendo disponibilidade para direcionar a atividade, a mãe compareceu à unidade para apresentar a dinâmica da brincadeira e contribuir para a aprendizagem e produção do conhecimento na aula. Envolvida com a atividade, sentiu-se a vontade e contente, já que percebeu enorme valorização e interesse das crianças na atividade a qual dominava.

Aumentado o repertório, os estudantes, que inicialmente resistiam em participar, propuseram a elaboração de campeonato, os questionei como faríamos para definir os vencedores. Posta a pergunta, teceu-se uma discussão bem calorosa, um grupo defendia a realização de maior número de configurações dentro de um minuto, outro grupo sugeriu o maior número de configurações sem repeti-las até a dupla errar. Colocado para a turma as duas propostas, foi escolhida a segunda. Dessa maneira, a dupla que errasse ou repetisse alguma configuração ficaria fora.

Passado o desenvolvimento da forma de disputa, iniciou-se discussão de como seria feita a premiação aos vencedores. Espelhados em campeonatos midiáticos e outros realizados pela rede municipal, alguns discentes sugeriram medalhas, mas rapidamente mudaram de ideia quando outros sugeriram chocolates. Sendo assim, os vencedores levariam uma caixa de bombons. O interesse pela atividade foi tanta que, alguns pediram barbantes para treinarem durante o intervalo ou em casa com os familiares.

Deste modo, desenvolvemos o torneio, estudantes que preferiram ficar de fora da competição tiveram o papel de fiscalizar as duplas participantes, avisando o momento que erravam e a quantidade de configurações elaboradas. Conforme os competidores saíam, reforçavam o posto de “fiscais”. Envolvidos com a disputa, ao permanecer apenas duas duplas, criou-se enorme expectativa entre todos, alguns direcionavam suas preferências e incentivava os/as amigos (as). Curiosamente a dupla vencedora era composta por um menino e uma menina. Finalizado o torneio, decidiram dividir entre todos os participantes e colegas o prêmio adquirido.

Deste modo encerramos o tratamento da brincadeira “cama de gato”, dando início à luta “huka-huka”. Dentro das aldeias a luta normalmente é praticada no centro do pátio, inicia-se com os lutadores ajoelhados, tendo como objetivo derrubar ou desequilibrar o adversário. Buscando por formas de desenvolvê-la, optamos por dispor os tatames dentro da própria sala, novamente nos preocupamos em produzir a vivência de acordo com as possibilidades e condições encontradas na unidade.



Neste cenário, dois estudantes resistiram em participar da atividade, argumentaram com veemência não gostar das atividades propostas, pois não viam relação com o componente, para eles somente atividades com bola e fora da sala de aula caracterizam-se como pertencentes, cogitando, junto à professora titular da turma, a insatisfação com as aulas e o desejo de trocar o docente de Educação Física.

Assim, dentro das vivências buscamos produzir as lutas instigando os estudantes a lutar sem distinção de gênero, tamanho ou peso, claro que alguns desejaram participar somente com aqueles ou aquelas com maior intimidade ou com características físicas similares a sua. Tendo experiência com arte marcial, o estudante Renato associou o huka-huka à luta judô, pois ambos apresentam objetivos similares.

Dando sequência às práticas, vivenciamos a brincadeira “Peicrã”. Em roda os participantes batem na peteca para o alto, quem jogá-la errado ou deixá-la cair tem de correr até um local pré-determinado, enquanto isso os outros tentam segurá-lo, caso seja pego por alguém da roda, sai da brincadeira.



Outra prática produzida pela turma foi a brincadeira “Cabo de força”, essa já familiar aos discentes, porém sem conhecer a origem. Buscando desenvolvê-la de diversas formas, os estudantes propuseram meninos contra meninas. Para surpresa de alguns as meninas venceram, logo os meninos colocaram que a disputa foi injusta devido à inferioridade numérica que tinham, sugerindo equilibrar a quantidade de pessoas em cada lado da corda.



Finalizando as vivências das práticas corporais indígenas, realizamos o “Arremesso de lança”, similar ao lançamento de dardo do atletismo, a manifestação consiste em lançar o mais longe possível a lança. Discutindo em busca de encontrar uma maneira de produzi-lo, adotamos a sugestão do estudante Ruan de pegarmos um cabo de vassoura para simular a lança, assim, os discentes tinham de jogá-lo o mais longe possível na quadra, dois estudantes ficaram responsáveis por verificar o local onde o objeto tocava e demarcá-lo.



Na tentativa de aprofundar ainda mais os conhecimentos alusivos à cultura indígena, fomos convidados a participar no “Encontro da Cultura Indígena” organizado pelo CIEJA-CL (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do Campo Limpo). O evento aconteceu no espaço denominado Sacolão das Artes, um galpão onde funcionava o sacolão da prefeitura, que ao encerrar as atividades foi objeto de desejo da comunidade local para se tornar ponto cultural, localizado nas mediações do parque Santo Antônio.

Na ocasião os estudantes tiveram contato com indígenas, de início ouviram uma palestra com o índio Gilberto Awa, referente aos artefatos, origem, modos de sobrevivência e ensinamentos escolásticos, ou seja, sua cultura. Após a fala, promoveu-se uma roda de dança com música própria, nessa, os estudantes puderam vivenciar um dos rituais mais tradicionais, acompanhando as orientações do palestrante. Curiosamente os estudantes a realizaram incrementando movimentos da dança “passinho do romano”, desempenhando entrelaçamento de sua cultura com a cultura acessada no momento.

A experiência da roda de dança foi seguida pela apresentação das práticas descritas anteriormente pelos estudantes. Na ocasião, os discentes formaram grupos, cada um deles teve a missão de apresentar as práticas huka-huka, cama de gato e

peteca ao público presente no evento: estudantes do CIEJA, funcionários, docentes e os próprios indígenas.

Finalizando o projeto, visualizamos as imagens e vídeos registrados no encontro. Esse momento foi oportuno para os discentes tecerem comentários referentes aos assuntos que lhes foram apresentados e tiveram maior significado, além disso, apontar o percurso percorrido dentro de todo o projeto tecido.



